

PADRE

Duarte Costa



Ficaram para nós seus exemplos de amor,
trabalho, perseverança e fé.
Sua partida nos entristece, mas na lembrança
de sua vida, que tanto bem semeou
à sua passagem, encontramos
forças para continuar nossa caminhada.

Esta não é uma carta para
anunciar o falecimento do

PE. DUARTE COSTA, sdb

ocorrido no dia 23 de junho de 2009, aos 97 anos, o que foi feito pelos meios usuais de comunicação, mas para tentar traçar o perfil biográfico e humano-religioso desse insigne sacerdote.

Perfil biográfico

Pe. Duarte nasceu em 24 de setembro de 1911 na vetusta Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabará, ou simplesmente Sabará, emoldurada pela Serra do Taquaril, com seus sobrados, casarões, ladeiras íngremes e tortuosas, seculares e estreitas ruas, que tanto encantaram os olhinhos do Duartinho, pois era assim conhecido e chamado.

Como gostaria Pe. Duarte que se esboçasse aqui um esboço histórico da cidade que tanto amava, a ponto de pedir que ali o deixassem repousar no jazigo da família.

A interpretação mais plausível para o nome Sabará é a de que se trata da corruptela do tupi-guarani *sabaá* (enseada, curva do rio) e *buçu* (grande), designando o encontro do rio Sabará com o rio das Velhas.

Segundo alguns historiadores, em 1674 o mito do eldorado atraiu os primeiros bandeirantes e aventureiros à região de Sabará. Os méritos na corrida pelo ouro do leito do rio das Velhas foram para o bandeirante Manuel Borba Gato, que acabou sendo acusado de assassinato por ter se desentendido com o fidalgo português Dom Rodrigo Caste-lo Branco, pela posse das minas.

Nesse período, o arraial de Sabará era o mais populoso de Minas Gerais.

A "Comarca do Rio das Velhas" já teve limites com Bahia, Pernambuco, Goiás, Espírito Santo e Rio de Janeiro, somando quase 100 mil habitantes.

Seu acervo barroco é dos mais ricos. Em pleno centro urbano, turistas e pesquisadores podem admirar-se com as melhores talhas representativas das fases do barroco mineiro, que contam um pouco da tradição e cultura sabarense, uma das mais importantes de Minas Gerais.

Foi sempre tão marcante a importância e o prestígio de Sabará, que Dom Pedro I, a 24 de fevereiro de 1823, nos primórdios do Império, concedeu-lhe o nobilíssimo título de "Fidelíssima".

Da família do Pe. Duarte obtivemos notas biográficas sobre o pai, Duarte Franklin Martins Costa, aqui tratado como Duarte Costa.

Na adolescência, por influência de seu cunhado, o médico Dr. Joaquim Sepúlveda, Duarte Costa se preparava para cursar medicina, mas convencido pelo grande ourives italiano Setragni, dedicou-se à aprendizagem da ourivesaria.

Desenhista exímio e criativo, logo se destacou e, ainda na quadra dos vinte anos de idade, era apontado como um dos grandes e, por muitos, reconhecido como o melhor ourives mineiro. Recebia encomendas de jóias personalizadas e de fino lavor como a que o Governo do Estado presenteou a grande cantora italiana Nina Sanzi para marcar sua presença na inauguração do Teatro Municipal de Belo Horizonte, em 1908.

Casou-se em 1904 com a normalista Maria Amália Costa, da tradicional e numerosa família sabarense dos Gomes Batista, nascendo de seu casamento, além dos que faleceram na primeira infância, os seguintes filhos:

José Duarte que foi chefe do escritório da 8^a Residência da Estrada de Ferro Central do Brasil, em Sabará.

Pe. Duarte Costa, de que trata esta carta.

Desembargador Hélio Costa, graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais, fez carreira na magistratura mineira exercendo vários cargos, como Presidente do Tribunal de Justiça e do Tribunal Regional Eleitoral. Professor universitário, atuou sempre com brilhantismo colocando sua inteligência e sólido saber jurídico a serviço da causa pública. Das inúmeras lâureas, comendas e títulos sobressaem: Colar do Mérito Judiciário, Medalha João Pinheiro, Medalha Alferes Tiradentes, Medalha de Ouro Santos Dumont, Grande Medalha da Inconfidência, Medalha Milton Campos, Medalha Gustavo Capanema, Cidadão Honorário de Belo Horizonte, de Inhapim, de Araçuaí e Personalidade Jurídica em 1979.

Rômulo Costa, chefe de sessão da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira.

Celso Costa, chefe de Laboratório da Usina Siderúrgica Belgo Mineira, em João Monlevade.

Duarte Costa faleceu em 28 de janeiro de 1924, aos 43 anos de idade.

A família Costa morou, por vários anos, a pouca distância da casa de Henrique Dumont, pai de Alberto Santos Dumont, o inventor do avião.

Em 1871, Henrique Dumont fabricou em Sabará o barco Saldanha Marinho, que hoje está em Juazeiro, Bahia.

Bem defronte à sua casa, o sr. Henrique construiu uma ponte em madeira braúna do sertão sobre o rio Sabará, ligando uma margem à outra, bem perto da casa que foi de Borba Gato, transformada em núcleo do Museu do Ouro. A ponte passou-se a chamar Ponte Provisória, e lá está até hoje, conhecida agora como ponte Santos Dumont.

O pequeno Duarte, ou Duartinho, estudava no grupo escolar da cidade. Em tardes quentes e ensolaradas, de volta das aulas, se juntava com alguns colegas e a visão do local conhecido como 'praia', em uma das margens abaixo da ponte, era um convite irresistível para um banho no rio Sabará.

Havia, porém, dois obstáculos: não tinham calção de banho e o Ângelo, rondava pelos arredores.

Ângelo era o soldado muito conhecido na cidade e certamente haveria de intervir diante de uma cena da nudez explícita.

Aí o Duartinho opinou. Enquanto o soldado estiver caminhando de costas para nós, entramos na água. Quando sairmos, estando ele na mesma posição, fazemos em nós calções de barro.

Entrou para o seminário de Lavrinhas, SP, aos 14 anos onde cursou o ensino fundamental e médio. Aí também fez o noviciado e professou na Congregação Salesiana em 28 de janeiro de 1931. Durante o tirocínio prático de três anos nas Escolas Dom Bosco, em Cachoeira do Campo, MG, exerceu as funções de professor e assistente dos alunos internos.

Transferiu-se depois para São Paulo, capital, onde recebeu os ministérios de leitorado e acolitado, em 1937, mas as ordens do diaconato e presbiterato, só em 1944, pela imposição das mãos de Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, arcebispo de São Paulo.

A partir da ordenação sacerdotal, foi enviado a São João del Rei, como confessor dos seminaristas menores e maiores e vigário paroquial do Santuário São João Bosco.

Em 1951, no mesmo local, exerceu o cargo de conselheiro; no ano seguinte, como ecônomo, na nomenclatura da época 'prefeito', e vigário paroquial.

De 1953 a 1954, conselheiro e de 1955 a 1956 pároco do Santuário de São João Bosco, em São João del Rei.

No sexênio 1957-1962, Diretor das Escolas Dom Bosco, em Cachoeira do Campo.

Em 1963 exerce o ministério sacerdotal no Colégio Salesiano, de Belo Horizonte.

Em 1964 trabalha no Instituto São Francisco de Sales, no Rio de Janeiro.

Ecônomo do Colégio Dom Helvécio, em Ponte Nova, em 1965.

Diretor da Revista Nossa Sécido, no Instituto São Francisco de Sales, no Rio de Janeiro, de 1966 a 1971.

Diretor do Colégio Salesiano, em Belo Horizonte, em 1972.

Membro do Conselho Inspetorial da Inspetoria São João Bosco, de 1973 a 1978, passou, em 1973, a residir na Casa Inspetorial, até à morte.

Os oito anos que passou em São João del Rei o ligaram íntima e afetuosamente à Paróquia, que lhe dedicou um de seus vitrais com estes dizeres:

“Com este vitral, os salesianos e a comunidade paroquial lembram e prestam carinhosa homenagem ao construtor desta igreja, vigário e amigo por longos anos PADRE DUARTE COSTA, comemorando os 85 anos de sua vida útil e edificante”.

Perfil humano-religioso

Pe. Duarte herdou de sua cidade a virtude da fidelidade, sua maior característica.

Se quiséssemos comparar suas virtudes com plantas e flores de que tanto gostava, comporíamos um jardim-pomar de rosas, narcisos, jacintos, lotus, lírios, anêmonas, açucenas, figos, uvas, romãs, palmeiras.

Cada qual representando uma virtude: caridade, pobreza, bondade, pureza, zelo, desprendimento e muitas outras.

Infelizmente tão belo jardim-pomar estava cercado por uma sebe, como o que a tradição revestiu a imagem do *hortus conclusus*, dissuadindo as pessoas de se aproximarem. E a porta, quase sempre fechada.

As que conseguiram entrar sentiram-se amplamente recompensadas.

Nada de pessoal, mas fruto do moralismo e rigorismo dominantes nos anos de sua formação.

Pe. Jacy Cogo assim o define:

"Não hesitaria em apelidá-lo de o 'Kant salesiano'¹. Foi o homem do dever cumprido à risca, enquanto a vontade conseguiu realizar as sugestões da inteligência. Ele esteve de atalaia diante do dever a ser cumprido. Seu rigor administrativo chegava à perfeição.

Eu costumava brincar com ele perguntando-lhe como fazia para passar o Fistarol² pra trás. A resposta dele era me falar de um Livro Caixa das Escolas Dom Bosco, de Cachoeira do Campo, onde ele fechava religiosamente o Caixa todos os dias, durante os seis anos em que dirigiu aquela Casa. Já o fizera quando pároco em São João del Rei, depois o fez em Ponte Nova, enfim, no Nossa Século³.

Mas o vi também apóstolo do povo da Paróquia São João Bosco, de São João del Rei. Formou catequistas de rara qualidade espiritual; homem do dever, não retirava o pé da luta pelos seus paroquianos.

Em tempos difíceis, sua habilidade não deixava a Caixa vazia, como administrador fiel e prudente do evangelho. Providenciaava o necessário para todos.

Confessor sério no estilo clássico, tinha conselhos profundos para cada situação. Com frequência, o procurava para confessar-me. Quanta sabedoria!

Pe. Duarte é desses salesianos da geração do rigor que fizeram o que puderam para que o espírito de Dom Bosco não se apagasse nas trevas do fascismo".

¹Emanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão, nomeado em 1770, professor catedrático da Universidade de Königsberg, cidade da qual nunca saiu, levou uma vida monotonamente pontual: o passeio que fazia às 15h30 todas as tardes (quer chovesse ou fizesse sol), era tão pontual que as mulheres domésticas da redondeza podiam acertar os relógios por ele. (*Nota do redator*)

²Pe. Virgílio Fistarol, (1909-1991), inspetor da Inspetoria São João Bosco de 1955 a 1960. (*Nota do redator*)

³Nossa Século, revista que circulou de 1962 a 1970 em substituição às Leituras Católicas (1890-1962). (*Nota do redator*)

Seu espírito kantiano se manifestava na obsessão pela exatidão no horário e nos hábitos.

Quando pároco em São João del Rei, as fábricas (nesta época numerosas) ligavam suas sirenes ou disparavam seus apitos em consonância com os toques do relógio da matriz.

Na casa inspetorial, no trajeto do escritório para o refeitório, apressava ou diminuía os passos para fazer coincidir sua entrada com a primeira nota do carrilhão do relógio.

À mesa, sentava-se unicamente no mesmo lugar, desde a inauguração da nova sede inspetorial em fins de 1972.

Lembramo-nos do Pe. Duarte, salesiano exemplar, professor, coordenador de estudos, diretor, conselheiro inspetorial, inspetor interino da Inspetoria São João Bosco, pároco zeloso, piedoso, capelão de comunidade religiosa, procurador, construtor, administrador fidelíssimo, fotógrafo, diretor de revista, amante da música clássica, especialmente de óperas. Homem da hora certa, da exatidão contábil, cultivador de rosas. Prático, de poucas palavras, avesso a manifestações ruidosas. Chamado para apagar incêndios de administrações desastradas.

Consumido pelo trabalho, passou os seis últimos anos em cadeira de rodas, sempre, porém, na observância rigorosa dos horários: da missa, que celebrava todos os dias em altar adaptado às suas exigências, do café da manhã, do longo tempo que passava no escritório até o almoço, no pequeno descanso após essa refeição, de novo no escritório até um lanche às 18h e recolhimento no quarto.

Na última internação no CTI do Hospital Socor, o Diretor da comunidade da casa inspetorial, deu-lhe a absolvição sacramental e ministrou-lhe o sacramento dos enfermos.

A missa de corpo presente foi realizada na igreja do Carmo, em Sabará, com a presença de familiares, presente seu irmão o Desembargador Hélio Costa, numerosos amigos e admiradores do Pe. Duarte.

O sepultamento deu-se no Cemitério do Carmo, em frente à igreja do mesmo nome, em jazigo da Família Costa.

A missa de sétimo dia realizou-se na capela do Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte.

Foi, então, lembrado o sentido da liturgia.

O ato litúrgico que ora celebramos, não nos remete à morte, mas à ressurreição, como passagem para uma nova vida, onde o Pe. Duarte continuará a ser ele mesmo, porém sem os limites que a materialidade do corpo impõe. É a vida em plenitude ou, como diz Karl Rahner, “a transposição do modo de plenitude, daquilo que aqui vivemos no modo de deficiência”.

A morte é o fim da vida, mas fim entendido como meta alcançada, como plenitude atingida, como nascimento para um mundo infinito, como termo final do processo de hominização, como realização total da utopia da vida plena.

A fé cristã não desconhece a dramaticidade da morte, e nada despreza da beleza da vida neste mundo. Mas entende a vida humana a partir de um horizonte de esperança, desvelando seu sentido esplendoroso.

Os que percorreram neste mundo os caminhos do amor e da paz são chamados a participar da vida em Deus, fonte do ser e da existência, para receber de sua misericórdia a plenitude da vida.

Essa é a nova vida do Pe. Duarte.

Pela comunidade da casa inspetorial

Pe. Antônio Pacheco de Paula

Diretor

Dados para o necrológio:

* Sabará, 24.09.1911

† Belo Horizonte, 23.06.2009